

Palavras sobre o desvendar do Mangá Nacional



Victor Wanderley Correa

Mestrando em Comunicação (USCS)

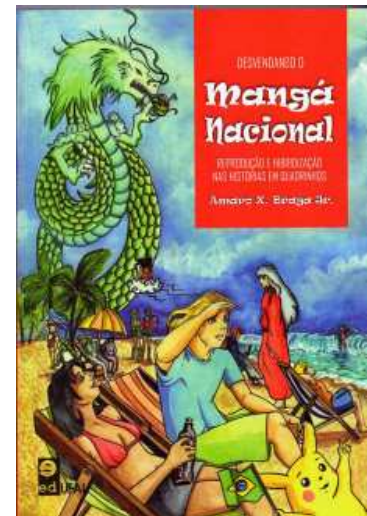
Cientista social e também produtor de histórias em quadrinhos alternativas, o professor Amaro Xavier Braga Jr compila no livro *Desvendando o Mangá Nacional* o trabalho desenvolvido para o mestrado submetido à Universidade Federal de Pernambuco. Seu estudo tem como foco compreender o mangá nacional como obra, classificando-a em hipótese como reprodução do material cultural japonês ou como hibridação cultural nacional, centrado na troca de padrão cultural e de consumo nas histórias em quadrinhos e nas representações sociais e culturais presentes no meio e expõe as mudanças socioculturais causadas com a expansão dos mangás em nosso país.

O texto começa com as mudanças no comportamento de consumo e hábitos de leitura nacionais e como a hibridação cultural afeta o campo da comunicação intermediado de maneira impressa nas histórias em quadrinhos e suas narrativas gráficas, centrando-se na produção de produto cultural nacional.

Braga conceitua os quadrinhos, tanto em elementos de sua linguagem como sua narrativa, suas características como meio de comunicação de massa e suas repercussões como formador de leitores.

Discorre sobre as influências em composições narrativas dos quadrinhos, com exemplos de obras internacionais, como Mafalda, Capitão América e Asterix, apresentando o palco contextualizado onde foram criadas, interligando-as a traços culturais midiáticos. A pesquisa aponta elementos do processo da indústria cultural no período de 1990 a até 2011, considerando obras de importância no mercado de histórias em quadrinhos nacional.

Compara exemplos de histórias em quadrinhos e resume os processos americanos, europeus, latino-americanos e asiáticos sobre a publicação e consumo, custeio e formatos, para desmembrar, de uma ótica administrativa e sócio-cultural, seu desempenho no Brasil, justificando-se dentro do campo da sociologia, sustentando uma visão sobre a hibridação cultural pela



BRAGA, Amaro. *Desvendando o mangá nacional: reprodução e hibridização nos quadrinhos*. : Amaro Braga, 2012.

qual o mercado de histórias em quadrinhos sobrevive desde a década de 1930.

O autor relaciona as crises financeiras mundiais com as crises de conteúdo e vendas das histórias em quadrinhos e contextualiza que os quadrinhos passam por narrações e conteúdos conforme períodos e diz que crises financeiras são motivos de decadência de conteúdo, sem considerar que os roteiros se transformam e que crises garantem o surgimento de novas ideias e conteúdos variados que podem conquistar novos leitores e alterações no gênero, mas não necessariamente no consumo.

Ele relaciona a mudança no modelo nacional de quadrinhos com a queda do monopólio da editora Abril devido a mudanças de cunho administrativo e a chegada mercadológica do mangá ao país.

Destaca-se a origem do mangá, desde os anos 500 a.C a até as expressões de arte do começo do século XI. Seus estudos e precisão sobre a origem e expressões de artes precursoras do mangá são concisos e claros, com exemplos de formatos contemporâneos e periodicidade expondo como o mangá influi na produção nacional, seguidora de padrões por hibridismo cultural.

Braga aprofunda-se nas características estéticas do mangá, seus elementos narrativos, artísticos e layout de páginas, um trabalho muito similar às pesquisas desenvolvidas por Luyten (1999) desde a década de 1990, com exemplificações claras de suas teorias, concordando com a autora em sua totalidade. Discorre sobre o tipo de traços que compõem a arte dos personagens

e dos cenários, perspectivas e demais regras artísticas da grafia do mangá, como a exuberância de detalhes nos cabelos e nas roupas e o traço caricato baixo e gordo, os olhos, expressões e retículas em contornos limpos e o contraste no visual do personagem principal e coadjuvante na concepção visual, a falta de padronização nos quadros e a maneira como ela constrói uma narrativa cinética e livre de limitações. Pontua a falta de fixação de linha de horizonte e ponto de fuga, gerando quadros e cenas inusitadas, chamados perspectiva intuitiva e uma obra de realidade mais visual e menos escrita, se adaptando a leitores de todos os tipos, substituindo a necessidade de textos escritos por cenas rápidas e onomatopeias constantes que permitem a leitura do mangá mesmo quando não existe no leitor o domínio da escrita.

O autor classifica os elementos temáticos do gênero e demonstra como que nenhum se sobressai e fixa a ideia de estereótipos como constante da narrativa visual do mangá, gerando fluidez e ausência de grandes textos, assim como a segmentação de mangás conforme mercado e público.

Braga aponta preocupação com a temporalidade e com a exultação dos traços psicológicos dos personagens dos mangás. As expressões são mais acentuadas e valorizadas e os personagens imitam elementos da vida real ausentes nas histórias em quadrinhos ocidentais, participando de todas as fases da vida, envelhecendo e morrendo. Tais narrativas aproximam a verossimilhança dos personagens de mangá com seus leitores.

Uma característica marcante da análise sobre a distinção entre as histórias em quadrinhos ocidentais e orientais se destaca quando o autor trata do conceito de temporalidade. Para Braga, a maior diferença entre ambos se dá na marcação do tempo, onde o ritmo dos mangás é livre da preocupação de manter a história quadro a quadro como no cinema hollywoodiano e mais preocupado em expressar uma transcendência entre espaço e tempo em favor do efeito psicológico, onde uma ação de segundos pode durar vários quadros e uma ação mais lenta poderia ser definida em um quadro único, em favor da construção psicológica da narração.

Uma pauta sobre a trajetória histórica das produções de mangás brasileiros apresenta os primeiros mangás produzidos no país desde 1960, mostrando as artes de nomes como Cláudio Seto, Fabiano Julio e Paulo Fukue até o atual panorama dos mangás no Brasil. Aponta os temas mais decorrentes nas publicações nacionais e classifica as produções conforme os critérios usados no Japão sobre modelos de mangás. O autor define Moho-Mangá, o mangá que reproduz fielmente cópias da arte oriental, embora produzidos fora do Japão; o Kongo-Mangá, os mangás híbridos em linguagens culturais; e o Nikkei-Mangá, ou Mangá Nativo, onde as produções possuem elementos completamente nacionais, com o uso da estética do mangá oriental.

A análise de estudo de caso das quarenta e duas edições de *Holy Avenger* considera as mudanças de mercado realizadas pela produção, a maneira como impactou nas preferências do pú-

blico e como afetou as produções posteriores. Uma leitura comparativa dos elementos de composição – das capas às contra-capas, cada detalhe técnico e artístico, editorial e estético, de *Holy Avenger* com publicação oriental *Rurouni Kenshin* aborda suas tramas, o uso das ferramentas clássicas do mangá e como ambas foram produzidas. Cotações da aparição de hibridismos, elementos dos comics e dos mangás e onomatopeias surgidas em *Holy Avenger*, algumas abraçadeiras e únicas. Estrutura, enredo, personagens, quadrinização, traços, formas, expressionismo, tempo, metalinguagens e a hibridação de elementos de jogos, rpg, anime e mangá são pontos analisados.

O autor contextualiza e classifica os critérios de padronização e exportação de conteúdo, impacto e hibridismo e firma as histórias em quadrinhos como produto cultural de massa para as massas, uma comunicação unilateral. Para ele, a indústria cultural passa a afetar a si mesma e essa prática justifica o sucesso dos mangás e a maneira como eles ganharam espaço em vendas.

Partindo da produção do folhetim e críticas de autores como Adorno e Mattelart, Braga explica em sua visão todo o processo de produção e industrialização das histórias em quadrinhos. O pesquisador coloca que, como a fotografia muda o folhetim e o jornal, os quadrinhos como indústria cultural incorporam elementos da técnica, realizam mudança na arte nas mídias de massa, para satírica e expressionista, cômica, elemento que ela sobrecarrega em uso nas histórias em quadrinhos, no ocidente usadas como tiras.

Definições de critérios de reprodução da arte elevam o mangá a um fenômeno de reprodução, discorrendo na associação de cultura midiática com produto cultural. O autor classifica o habitus, uma estrutura gerada na organização da reprodução cultural e sua massificação e abre uma discussão sobre o mangá ser uma linguagem e não um produto, como essa linguagem repercute nas culturas onde é absorvida, que mudanças e hibridismos acaba gerando em seus consumidores e mercado participativo. A discussão passa a abordar temas como globalização e identidade cultural, movimentos transacionais e fluxos globais, para entrar na questão de qual é a expressão cultural de um determinado país após tais influências. O autor coloca em conflito os termos hibridação e pós-modernidade, baseando-se na pesquisa de Canclini sobre a América Latina e em seguida, destacando o Brasil.

A partir de estudos de Luyten (1999), o autor apresenta o mangá como obra que reflete a linguagem do cotidiano, onde o mangá produzido no Brasil passa a sofrer a influência do cotidiano nacional, criando uma identidade cultural a partir de suas expressões como arte e como representação da hibridização. Com uma análise sobre os signos e o *timing* para identificação, apresenta um questionamento às teorias de Canclini (1998), em que, se o mangá fosse nossa linguagem, pareceria desconexo. Para o autor, a cultura não estagna, mas evolui conforme adquire novos elementos e não perde sua nacionalização, ao contrário, constrói uma nova maneira de se nacionalizar frente aos

elementos trazidos de outras culturas. Citando Eco, Braga aproxima-se da ideia da integração dos elementos e não de uma descaracterização nacional. Ele adiciona a colagem de elementos a partir da globalização como fator da pós-modernidade, onde o mangá nacional seria produto resultante, tentando fazer sobreviver nossa identidade dentro da cultura midiática, globalizada e diversificada.

Braga apresenta suas conclusões sobre a pesquisa dizendo que não existe ainda uma identidade cultural na mídia das histórias em quadrinhos e a difusão do mangá no mercado nacional reflete novas tentativas de absorver um modelo que também deriva de outra cultura. Ele discute sobre as diferenças culturais geradas pela distância, seja ela tempo ou espaço, e como os traços culturais de um povo são mais alienígenas para outro a medida que estão mais afastados. Comenta que as histórias em quadrinhos transmitem a linguagem falada em uma obra híbrida, consolidando os estudos de Canclini (1998), para apresentar as diferenças sócio-culturais entre o Brasil e o Japão. Para Braga, a importação de outro modelo nos aproxima da hegemonia, mas arrisca nosso ethos, por assumir novos modelos e elementos de uma cultura que não nos pertence. Também diz que o objeto escolhido, Holy Avenger, é somente uma obra híbrida, não necessariamente uma obra nacional na visão de elementos da nossa cultura e sociedade. O autor espera que a hibridação presente em obras aceitas como esta indiquem um novo formato de histórias em quadrinhos nacionais, que possam finalmente ter um estilo próprio. 🗨️